

HISTÓRIAS CURIOSAS DE IMIGRANTES ITALIANOS EM JUIZ DE FORA

Os Graziosi e os De Lorenzi

Mario Luis Monachesi Gaio¹

Introdução

A história da imigração voluntária no Brasil começa no início do século XIX, mas tem seu volume aumentado na segunda metade desse mesmo século. As principais razões pelas quais muitos imigrantes estrangeiros se instalaram por aqui foram a colonização de áreas despovoadas, a substituição das pessoas escravizadas nas fazendas de café e a necessidade de mão de obra para as novas indústrias nos centros urbanos.

Os imigrantes, em sua maioria vindos da Europa, instalaram-se em diversas partes do país, com destaque para os estados do sul e sudeste. Também é notório o alto volume de imigrantes italianos em relação às outras nacionalidades, fruto de uma situação quase caótica de um processo de unificação de reinos para formar a Itália como nação. Descrevi brevemente esse processo em minha dissertação de mestrado (GAIO, 2013):

A Itália, reconhecida como tal, foi unificada em 17 de março de 1861. Antes havia reinos separados e povos que, de uma forma ou de outra, tinham algo em comum. Contudo esse ‘algo’ era bem menos importante do que idealizavam os propagadores e defensores da Itália Unida. A célebre frase “ora che l’Italia è fatta bisogna fare gli italiani” (fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos)², (MONTANELLI, 2006, vol. 6, p. 3), (HOBSBAWN, 1998, p. 56) pronunciada por Massimo D’Azeglio, importante político, escritor e pintor italiano, resume a situação da identidade do povo italiano na época da unificação.

¹ Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Europa-Universität Viadrina (EUV), da Alemanha. Graduado em Engenharia Civil e Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com habilitação em Italiano e Português. Ecolinguista, sociolinguista especializado em Línguas em Contato e inquieto pesquisador sobre imigração italiana no Brasil.

² Em Hobsbawm (1998) a tradução é “Nós fizemos a Itália, agora temos que fazer italianos”. A ausência do artigo definido masculino plural à frente de ‘italianos’, presente na versão original, faz diferença. Daí a preferência pela minha tradução. Não se trata de fazer italianos no sentido reprodutivo, mas sim de criar um sentimento de italianidade na população.

O estado de Minas Gerais recebeu muitos imigrantes estrangeiros, sobretudo na última década do século XIX. Como relata Rodrigues (2009, p. 63),

“Em Minas Gerais, a imigração oficial mineira, ou seja, subvencionada pelo Estado, teve a duração de doze anos no período imperial de 1867 – 1879, (...). Não alcançando os objetivos estabelecidos, foi retomada na década de 1880 pela edição de várias leis e regulamentos que culminaram com novas tentativas para a introdução de imigrantes.”³

A porta de entrada desses imigrantes no estado era a cidade de Juiz de Fora. Eles desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde eram cadastrados e encaminhados aos locais com necessidade de mão de obra. Logo no início desse processo de imigração em massa, foi construída em Juiz de Fora a Hospedaria Horta Barbosa, com o único propósito de acolher e hospedar os imigrantes e suas famílias por dez dias, até que fossem para seu destino final (RODRIGUES, 2009, p. 64).

Esclarecimento

Após essa brevíssima introdução acerca da imigração italiana no Brasil, em Minas Gerais e em Juiz de Fora, esclareço desde já que este artigo não pretende ter rigor acadêmico, mas todos os dados históricos foram verificados e confirmados. A narrativa trata de apenas uma parte da história de minha família ao longo de mais de 100 anos. Quis o destino que eu fosse descendente de quatro avós imigrantes italianos, que se conheceram na cidade onde se estabeleceram e conseguiram, aos trancos e barrancos, progredirem na escala socioeconômica, o que dificilmente teria acontecido na Itália da época. Numa cidade como Juiz de Fora, com população formada por diversas etnias e nacionalidades e onde não houve formação de guetos, é raro que alguém da minha geração tenha a ascendência italiana por parte de todos os avós.

Desde quando me entendo por gente essa curiosidade sempre me intrigou. Guardei essa inquietação comigo durante muito tempo, mas nunca a perdi de vista. Com pouco mais de 20 anos, descobri que eu tinha o direito de reconhecer-me como cidadão italiano. A lei italiana, como a maioria das leis europeias sobre o tema, é regida pelo *Ius*

³ Rodrigues (2009) cita as seguintes leis e regulamentos: Lei Provincial nº 2.819, de 24 de outubro de 1881; Lei Provincial nº 3.417, de 26 de agosto de 1887; Regulamento nº 108 de 20 de janeiro de 1888; Lei Provincial nº 3598, de 29 de agosto de 1888; Lei Provincial nº 3646, de 1º de setembro de 1888.

Sanguinis, ou seja, o direito de sangue. Assim, num tempo em que poucas pessoas se interessavam por assuntos como esse, me tornei cidadão italiano em menos de 9 meses.

A verdade é que uma porta se abriu e eu, junto com minha esposa, acabamos por nos transferir para Verona, após termos vivido pouco menos de 2 anos na Inglaterra. Verona não foi escolhida ao acaso. Foi o acaso que nos brindou com a amizade de uma italiana maravilhosa que, vejam só, era de Verona! Pois bem, da Inglaterra fomos para Bassano de Grappa, cidadezinha muito simpática na província de Vicenza, onde fomos acolhidos por uns parentes distantes de meu pai. Não chegamos a esquentar lugar. Algumas semanas depois, nos mudamos para Verona para trabalhar, intermediados por aquela querida amiga.

Seis anos se passaram. Foram seis lindos e espetaculares anos em Verona, mesmo com todas as dificuldades iniciais e com trabalho duro. Entre as dificuldades, incluía-se a ausência total de parentes de qualquer grau. Éramos nós por nós mesmos. Claro, fizemos algumas amizades, mas no geral, éramos nós dois juntos. Crescemos, viu? Muito mesmo! O refrão de uma linda canção de Renato Zero explica esse sentimento: *I migliori anni della nostra vita!* (Os melhores anos da nossa vida!).

O retorno ao Brasil foi estranho, com algumas dificuldades, mas com o apoio de toda a família. Com um conhecimento mais profundo de parte da cultura dos meus ancestrais, minha vida passou a ter elementos linguísticos e culturais italianos sempre presentes. Retornei à Universidade, me formei em Letras com habilitação em italiano e português e alguns anos depois ingressei no Mestrado. Nem esperei a completa digestão da dissertação e emendei minha vida acadêmica com o Doutorado e, mais à frente, com um Pós-Doutorado. A área de estudo era o Contato de Línguas; no meu caso, o contato do italiano com o português.

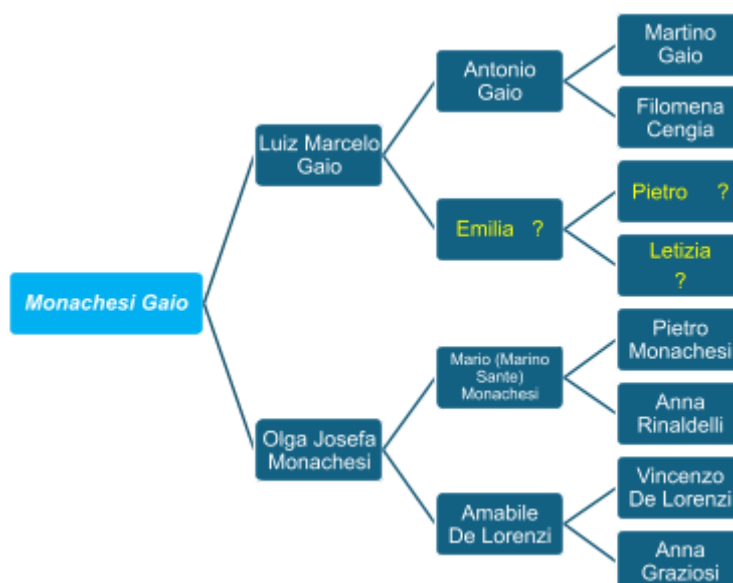
Esse memorial me serve para introduzir o conceito de Brasileirítalo, que defendi em minha tese de doutoramento (GAIO, 2018)⁴. O ser brasileirítalo não é um estado fixo, uma categorização imutável. Como é facilmente compreendido, o termo aponta para uma caracterização de um sujeito essencialmente brasileiro, mas que mantém traços de cultura ancestral, o que o faz, vez por outra, movimentar-se na sua italianidade

⁴ A tese, disponível no banco de teses da Universidade Federal Fluminense (UFF), foi defendida em 2017. Posteriormente, foi publicada pela editora alemã Peter Lang: GAIO, M. L. M. Etnicidade Linguística em Movimento: os processos de transculturalidade revelados nos brasileirítalos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. Berlin: Peter Lang, 2018

recuperando elementos de sua ascendência étnica. Em outras palavras, a condição de brasileiro-italo não é estática. É móvel. O sujeito manifesta-se brasileiro-italo quando há uma ocasião para tal. É diferente da imprecisão estática do termo ítalo-brasileiro e do ‘italiano’ genericamente atribuído a alguém que simplesmente descende de italianos. O brasileiro-italo pode deixar de sê-lo e tornar a sê-lo de acordo com o momento vivenciado. Eu, pessoalmente, me entendo como brasileiro-italo em muitos momentos do meu cotidiano.

Tenho a pretensão, e por que não dizer, a presunção, de recolher dados suficientes para escrever histórias sobre minha família que abranjam todas as origens. Vale dizer que quero partir dos quatro avós, mas ancorando-os em seus pais, meus oito bisavós. Juridicamente, eu sou neto de três italianos natos e de uma italiana já nascida no Brasil. Isso me faz um descendente de segunda geração. Acontece que, além da menina já brasileira, os demais eram crianças ou adolescentes e vieram com suas respectivas famílias. Então, na verdade, os imigrantes, aqueles que tomaram a – imagino – difícil decisão de emigrar foram meus bisavós, que, infelizmente, não pude conhecer. Se os números ordinais admitissem casas decimais, eu seria classificado como de 2,5ª geração.

Essa é a árvore genealógica do meu núcleo familiar, a partir dos meus bisavós:



Faço aqui uma breve ressalva para que o leitor compreenda a razão da cor amarela e dos pontos interrogativos no lugar dos sobrenomes dos pais de minha avó

materna, Emilia. É o único ramo da família do qual não tenho registros claros e evidentes. De minha bisavó Letizia não consegui ainda nenhum tipo de documento que informe seu sobrenome de solteira. Já meu bisavô Pietro deveria ser Marchi. É a informação que sempre circulou em família. No entanto, não há nenhum registro oficial brasileiro que o avalize ou comprove. Os poucos documentos que apontam seu nome o registram como Pedro Francisco, marido de Letícia Francisca. São as certidões de casamento e óbito de minha avó Emilia, registrada como Emilia Francisca. De onde teria surgido o Marchi? Há, na verdade um indício. O último filho do casal, Angelino, era pai de um dermatologista falecido recentemente, já octogenário. Chamava-se Milton Silos Marchi e seus contatos podem ainda ser rastreados na internet, por ter sido médico. Ora, se ele é Marchi, significa dizer que seu pai, Angelino, também o era. Assim, a lógica nos faz pensar que seu avô Pietro (meu bisavô) era igualmente Marchi. Entretanto, sem documentos oficiais comprobatórios, não tenho como garantir.

Abaixo, ilustro um mapa da Itália atual, com a identificação da proveniência das quatro famílias das quais descendo:

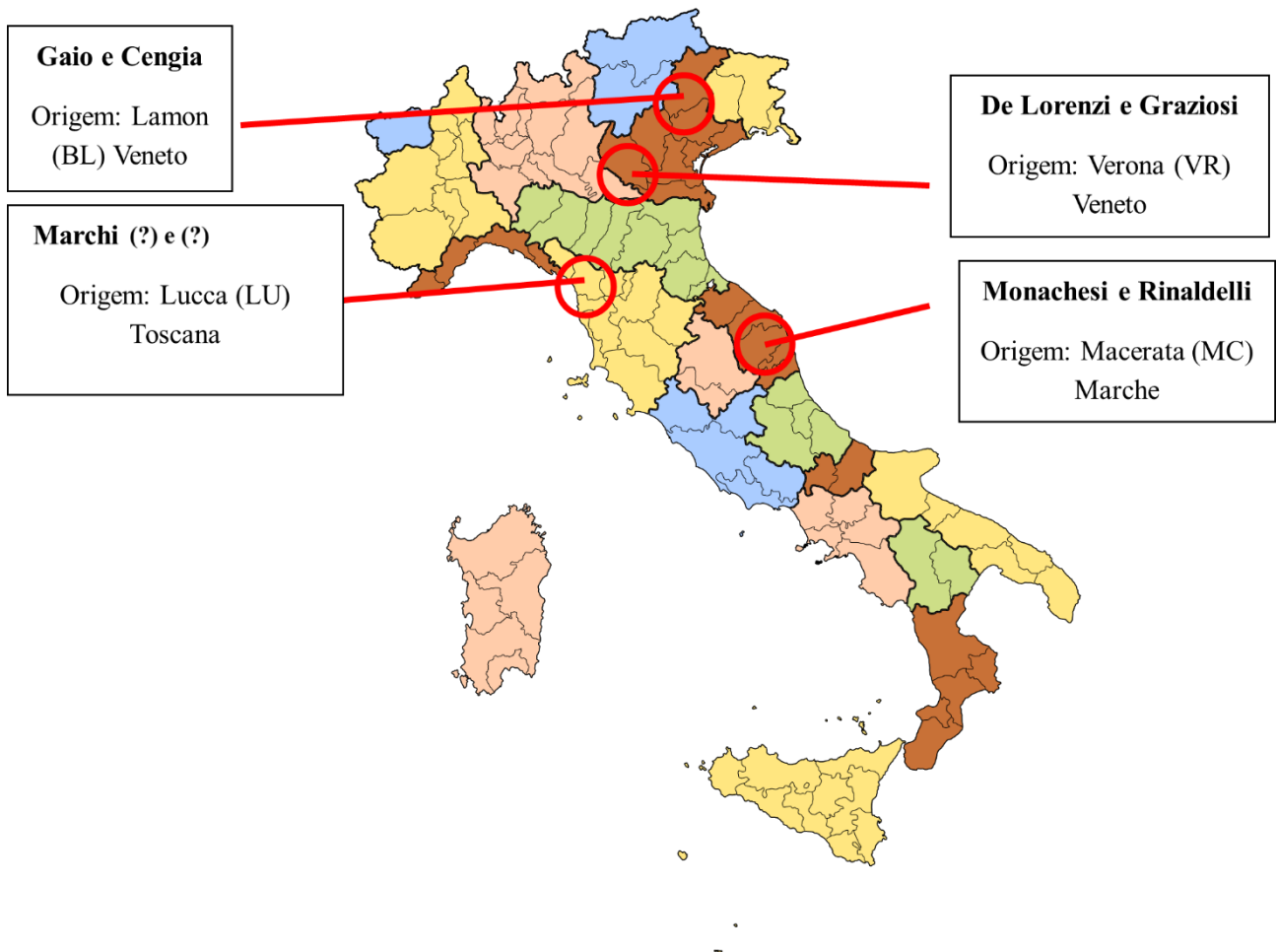
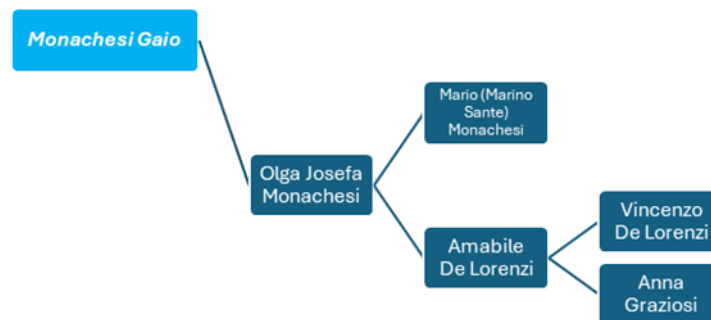


Figura SEQ Figura * ARABIC 1 - Itália atual, dividida por regiões e províncias, com adaptações.

Fonte da imagem base: Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=12566075>

Neste artigo, dei preferência a uma parcela das histórias que envolvem a minha avó materna, a querida vovó Amabile. São histórias que remontam ao período inicial da imigração italiana em Juiz de Fora. Espero que futuramente esse relato faça parte de uma publicação bem mais completa e abrangente sobre as origens da minha família.

As famílias Graziosi e De Lorenzi



A história dos Graziosi e dos De Lorenzi talvez seja a mais curiosa e é certamente a mais rica em detalhes entre as quatro que pretendo narrar em memórias, futuramente. Há vários eventos interessantes, alguns bem divertidos e outros bem tristes. Na verdade, só a classifico como a mais curiosa porque é a mais rica em detalhes. É o ramo da família de que se tem mais informações. O fato é que minha avó Amabile De Lorenzi (depois Monachesi) viveu suficientemente bem e por muito tempo, apesar das atribulações de quem nasce em ambiente social de imigração, com poucos recursos econômicos e baixa escolaridade. Tinha ótima saúde e nenhum sinal de demência. Faleceu em 1992 aos 100 anos completos e se não fosse por um acidente doméstico teria vivido mais alguns anos, não obstante seu desejo manifesto de desviver desde mais ou menos seus 90 anos de idade. Não, não se trata de depressão, vontade de morrer, essas coisas. Ela simplesmente achava que não tinha mais o que fazer por aqui, mas essas manifestações eram até certo ponto divertidas.

Os Graziosi são a família materna da vovó Amabile. Na prática, o lado mais feminino da minha ascendência, pelo menos até minha bisavó, três gerações atrás. Isso já é motivo suficiente para que muitos elos familiares fossem perdidos ao longo dos anos, uma vez que os sobrenomes maternos não são passados à frente. Pior que isso, as mulheres nem eram consideradas cidadãs plenas no século XIX. Até o início do século XX muitas famílias nem mesmo davam aos filhos esse sobrenome à frente do paterno, o “principal” nos costumes brasileiros. Minha mãe e meu pai, ambos nascidos no século XX, foram registrados com apenas um sobrenome, o de seus respectivos pais, ignorando solenemente o sobrenome materno, uma regra mantida da Itália até bem pouco tempo. Depois de casados adotaram o sistema brasileiro e transmitiram os dois sobrenomes aos filhos, o que estende a marca familiar da mãe por uma geração a mais.

O acolhimento na Hospedaria de Imigrantes Horta Barbosa

As famílias De Lorenzi e Graziosi eram muito próximas entre si. Viviam em casas vizinhas, em Verona. Emigraram juntas, no mesmo dia e no mesmo navio. Constituíam duas famílias, mas unidas por um casamento com uma bonita e romântica história, que veremos mais adiante. Anna, minha bisavó e filha mais velha da família Graziosi viajou recém casada – e grávida, diga-se – com Vincenzo De Lorenzi.

As duas famílias embarcaram juntas no porto de Gênova, no vapor Cachar. Depois de desembarcar no porto do Rio de Janeiro, seguiram para Juiz de Fora. Deram entrada na Hospedaria de Imigrantes de Juiz de Fora, também conhecida como Hospedaria Horta Barbosa, no dia 22 de novembro de 1888. Não tenho informações sobre sua possível entrada na Hospedaria da Ilha das Flores, por onde normalmente passavam os imigrantes desembarcados na então capital, por questões de saúde. Uma espécie de quarentena.

Nos registros, constam dois núcleos familiares separados porque havia realmente mais de uma família, cujo entendimento aqui é o de um grupo constituído por marido, esposa e filhos, quando os há. A maioria dos núcleos era assim formada. Havia naturalmente quem viajasse só, ou com irmãos, ou mesmo outros parentes, mas não era o mais comum. Cada núcleo tinha um responsável, que era sempre um homem, o chefe de família (*capofamiglia*). Assim funcionavam as coisas naquela época, as mulheres não tinham muita representatividade.

O núcleo dos De Lorenzi era composto de dois casais sem filhos. Eram dois irmãos: Vincenzo e B. Giuseppe com suas respectivas esposas, Anna, que viajou grávida, e Elisa (erradamente cadastrada como Elza no registro de entrada da hospedaria). Talvez por comodidade, ou por uma questão meramente burocrática, eles constituíram um único núcleo para efeito de cadastro e controle. O *capofamiglia* era o irmão mais velho, Vincenzo. Vale ressaltar que Anna, esposa de Vincenzo, era Graziosi quando solteira.

Neste ponto, já temos uma controvérsia. Embora no registro de entrada, cuja imagem veremos na Figura 2, conste que B. Giuseppe e Vincenzo fossem irmãos, tenho motivos para acreditar que eles eram, na verdade, cunhados. O B. que antecede

Giuseppe seria Barbirato (ou Barberato)⁵, seu verdadeiro sobrenome, e Elisa/Elza seria de fato De Lorenzi, mas não por matrimônio e sim por ser irmã de Vincenzo.

Por que tenho essa desconfiança? Minha avó Amabile, filha de Anna e Vincenzo, mencionava um certo Barberato (ela pronunciava BarbErato, com E) marido de sua tia Elisa. Ora, fica fácil perceber que a probabilidade de esse registro estar errado é bem grande. Uma história contada por minha avó e que atravessou gerações dá ainda mais robustez a essa versão que apresento. Dizia ela que quando sua tia Elisa morreu, ele foi à casa das sobrinhas, minha avó Amabile e sua irmã Maria, para lhes entregar 100 mil réis, valor que lhes cabia como herança do que sobrou da casa de Verona. Acontece que 100 mil réis eram muito pouca coisa, um valor irrisório, e isso foi motivo de grande desconfiança por parte delas. O caso é interessante, mas aqui, o que conta é que as evidências de que Giuseppe Barbirato/Barberato fosse cunhado de Vincenzo, e não irmão, são bem sólidas. Sobre as irmãs Maria e Amabile falaremos mais à frente.

Por que teriam B. Giuseppe teria sido registrado como irmão de Vincenzo? Engano do escrivão? Malícia dos declarantes por alguma razão desconhecida? Como, ao que tudo indica, Elisa/Elza era irmã de Vincenzo e era casada com o Barbirato/Barberato, por que foi registrada como De Lorenzi? Será que o escrivão fez uma grande confusão? Se sim, motivada por quê? Mera distração? Cansaço? Foi induzido ao erro propositalmente? Há que se pesquisar na origem, na saída do porto de Genova.

⁵ Tenho muito claro na minha memória que minha avó dizia Barberato (com E). Minha dúvida com relação à grafia correta tem duas motivações: a primeira, no website <http://www.gens.info/italia> não encontrei registros de sobrenome Barberato na Itália Atual, mas encontrei Barbirato, cuja incidência maior, mesmo se baixa, é justamente no Vêneto, em área próxima a Verona. Ressalto, porém, que o website mencionado não pode ser considerado uma fonte 100% precisa, mas seus dados são indicativos; a segunda, veremos mais à frente que essa mesma pessoa foi testemunha de um casamento e no registro consta Barberato com uma rasura que faz crer que seja Barbirato.

As imagens abaixo mostram o registro de entrada das famílias na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora. Os dados são consultáveis no Arquivo Público Mineiro.

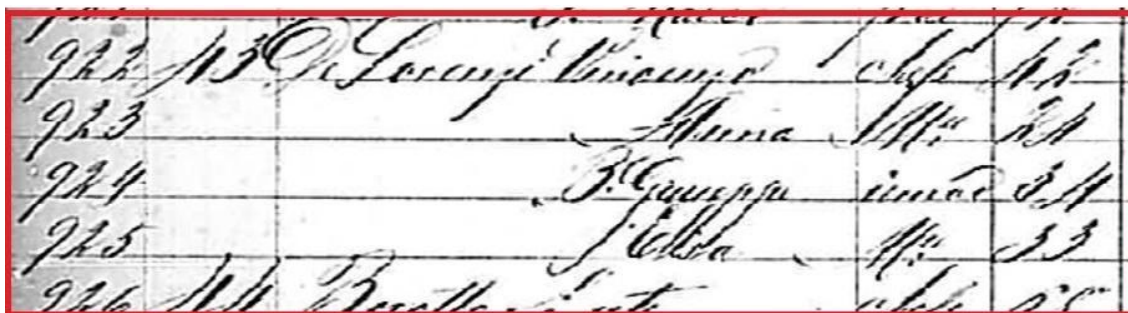
Arquivo Público Mineiro - APM

SG-801 - DE LORENZI

Sobrenome: DE LORENZI Vincenzo - 42 anos
Livro: SG-801 pag.: 170
Data: 22/11/1888 (Data de entrada na Hospedaria)
Nacionalidade: Italiana
Dependentes: DE LORENZI Anna - 24 anos - mulher
DE LORENZI B. Giuseppe - 34 anos - irmão
DE LORENZI Elza - 33 anos - mulher

Embarcação: Cachar
Microfilme: Rolo 01

MATRICULA GERAL										DOS IMMIGRANTES			
Entradas no alojamento provincial										de imigração em			
NÚMERO	NOMES	Idade de Nascimento	SEXO	ESTADO	Nacionalidade	Data de entrada na Hospedaria Provincial	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	DESTINOS		Observações	
										Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1112	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1113	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1114	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1115	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1116	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1117	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1118	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1119	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1120	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1121	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1122	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1123	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1124	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1125	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1126	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1127	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1128	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1129	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem
1130	M. Tranquillo	42	M	C	Italiana	22/11/88	Procedência	Importância de trabalho e casa em	Importância de trabalho e casa em família	Procedimento	Destinatário	Data de Curimba	Volumes de Bagagem



Vejamos agora o outro ramo, os Graziosi. Estes vieram em número maior e formavam o núcleo canônico: marido, esposa e filhos. Eram Luigi, sua esposa Filomena, cujo sobrenome de solteira era De Stefani, e os filhos Angela, Roberto (erradamente registrado Robáto), Giuseppa e Clelia. Giuseppa, chamada carinhosamente de Giuseppina ou Pina, é protagonista de uma interessante história, que veremos mais adiante. No Brasil, passou a ser chamada Josephina. Lembro ao leitor que minha bisavó Anna De Lorenzi, esposa de Vincenzo, era Graziosi quando solteira. Era a filha mais velha da família, mas como já era casada com um De Lorenzi, integrava seu novo núcleo familiar nos cadastros.



IMIGRANTES	
NOME	GRAZIOSI LUIGI - 51 ANOS GRAZIOSI
SOBRENOME	GRAZIOSI
LIVRO	SG-801 PAG.: 169
DATA	22/11/1888 (DATA DE ENTRADA NA HOSPEDARIA)
NACIONALIDADE	ITALIANA
DEPENDENTES	GRAZIOSI FILOMENA - 48 ANOS - MULHER FILHOS: GRAZIOSI ANGELA - 18 ANOS GRAZIOSI ROBATO - 16 ANOS GRAZIOSI GIUSEPPA - 13 ANOS GRAZIOSI CLELIA - 9 ANOS
EMBARCAÇÃO	CACHAR
MICROFILME	ROLO 01

MATRICULA GERAL										DOS IMMIGRANTES			
Exercício de 18__ a 18__										169			
Entrados no alojamento provincial										de imigração em			
NUMERO	NOMES	Relação de Parentesco	IDADE	ESTADO	Nacionalidade	Data da entrada na Hospedaria Provincial	Procedencia	Importancia do auxilio a cada um	Importancia total do auxilio por familia	DESTINOS		Observações	
										PROVISORIO	DEFINITIVO	Data do Corrimbo	Volume de Bagagem
4557	35 Transpêto								10.000				
558	36 Giquio Luigi	chefe	51	C	Italiana	18.04.1870	Genova	1.000				18.04.1870	
559	Silvina	M.	45	"	"	"	"	1.000					
570	Angela	f.	18	S	"	"	"	1.000					
571	Albino	f.	15	"	"	"	"	1.000					
572	Guiseppa	"	13	"	"	"	"	1.000					
573	Isabella	"	9	"	"	"	"	1.000	10.000				
574	Angela Loungobola	chefe	50	C	"	"	"	1.000					
575	Luigia	M.	45	"	"	"	"	1.000					
576	Luigia	f.	18	S	"	"	"	1.000					
577	Guiseppa	"	15	"	"	"	"	1.000					
578	Luigia	"	13	"	"	"	"	1.000					
579	Anna	"	9	"	"	"	"	1.000					
580	Luigia	chefe	50	C	"	"	"	1.000					
581	Anna	M.	45	"	"	"	"	1.000	10.000				
582	Isabel Consta	chefe	53	"	"	"	"	1.000					
583	Guiseppa	M.	45	"	"	"	"	1.000					
584	Maria	f.	1	S	"	"	"	1.000					
585	Luigia	chefe	50	C	"	"	"	1.000					
586	Luigia	M.	45	"	"	"	"	1.000					
587	Luigia	f.	18	S	"	"	"	1.000					
588	Luigia	"	15	"	"	"	"	1.000	10.000				
589	Luigia	chefe	50	C	"	"	"	1.000					
590	Luigia	M.	45	"	"	"	"	1.000					
591	Luigia	f.	18	S	"	"	"	1.000					
592	Luigia	"	15	"	"	"	"	1.000					
593	Luigia	chefe	50	C	"	"	"	1.000	10.000				
594	Luigia	M.	45	"	"	"	"	1.000					
595	Luigia	f.	18	S	"	"	"	1.000					
596	Luigia	"	15	"	"	"	"	1.000					
597	Luigia	chefe	50	C	"	"	"	1.000	10.000				
598	Luigia	M.	45	"	"	"	"	1.000					
599	Luigia	f.	18	S	"	"	"	1.000					
600	Luigia	"	15	"	"	"	"	1.000	10.000				

Entrados no alojamento provincial										de imigração em			
NUMERO	NOMES	Relação de Parentesco	IDADE	ESTADO	Nacionalidade	Data da entrada na Hospedaria Provincial	Procedencia	Importancia do auxilio a cada um	Importancia total do auxilio por familia	DESTINOS		Observações	
										PROVISORIO	DEFINITIVO	Data do Corrimbo	Volume de Bagagem
4557	35 Transpêto								10.000				
558	36 Giquio Luigi	chefe	51	C	Italiana	18.04.1870	Genova	1.000				18.04.1870	
559	Silvina	M.	45	"	"	"	"	1.000					
570	Angela	f.	18	S	"	"	"	1.000					
571	Albino	f.	15	"	"	"	"	1.000					
572	Guiseppa	"	13	"	"	"	"	1.000					
573	Isabella	"	9	"	"	"	"	1.000	10.000				

Figura - detalhe ampliado da imagem anterior-Familia Graziosi

Vincenzo e Anna

A primeira filha de Anna Graziosi e Vincenzo De Lorenzi nasceu pouco tempo depois da chegada em Juiz de Fora. O casal já tinha encontrado acomodação nas proximidades da Hospedaria, no atual bairro Santa Terezinha⁶. Muitos italianos ficaram por ali, mas não se demoraram. A não concentração em um bairro ou localidade por longo tempo é uma das características da imigração italiana em Juiz de Fora, ao contrário do que aconteceu em São Paulo. Em Juiz de Fora eles se espalharam rapidamente por diversas áreas da cidade.

A nova membra da família De Lorenzi se chamava Maria. Simplesmente Maria. Minha saudosa tia Maria, que nas festinhas dos meus aniversários era invariavelmente a primeira a chegar, sempre com um presentinho embrulhado em casa mesmo, em papel aproveitado, às vezes de compras em farmácias. Numa dessas vezes, abri um pacote cuja estampa do papel era uma propaganda de remédio para hemorroidas! Em família, falamos desse divertido episódio por muito tempo. Três anos mais tarde, nascia Amabile, minha avó, em 8 de março de 1892.

A primeira história curiosa e pitoresca que relato aqui começa já no encontro do casal Vincenzo e Anna, ainda na Itália, mais precisamente na Verona de 1864. Verona tem vestígios de civilização organizada desde a idade antiga e se localiza na região do Vêneto, cuja capital (*capoluogo*) é Veneza. 1864 é o ano de nascimento de Anna Graziosi. Sim, eles se encontraram pela primeira vez no dia da cerimônia de batismo de Anna, embora ele fosse 18 anos mais velho.

Já antecipamos que as famílias De Lorenzi e Graziosi eram vizinhas e amigas. Tinham boas relações e, ao que consta, os Graziosi não eram tão pobres como a enorme maioria dos imigrantes daquela época. Pelo que se sabe, Anna vivia em casa própria, o que não deixava de ser relevante em termos socioeconômicos, naquela época. De fato, há claros indícios de que seja verdade, se lembrarmos do que disse a respeito da herança de 100 mil réis, que, nas palavras do Barbirato/Barberato, eram “o que sobrou da casa”

Pois bem, na cerimônia de batismo de Anna lá em Verona, o jovem Vincenzo De Lorenzi estava presente e como tinha certa intimidade com a família de Anna, pegou-a no colo para brincar. Em dado momento, levantou-a e disse em voz bem alta: “ainda me caso com você, menina!”⁷ E feito um conto de fadas, 24 anos depois se casaram de fato!

⁶ Na época essa região se chamava Tapera.

⁷ Sempre me perguntei como essa frase teria sido realmente pronunciada em Veronese, a língua falada por eles. Se fosse em italiano, seria algo como “Prima o poi ti sposerò, bambina!”.

Casos assim não são novidade, mas são dignos de nota. Naquela época, possivelmente aconteciam mais regularmente do que nos dias de hoje. Ainda assim, é uma curiosidade. Ainda em 1970, o músico brasileiro Paulinho Nogueira chegou a compor e interpretar uma linda canção – Menina – que narra uma situação semelhante, mas oposta: é a menina, ainda criança, que afirma que vai se casar com quem a pega no colo. Assim diz a letra da canção:

Menina, que um dia conheci criança
Me aparece assim de repente, linda, virou
mulher.
Menina, como pude te amar agora?
Te carreguei no colo menina,
Cantei pra ti dormir
Lembro a menina feia
Tão acanhada, de pé no chão

Hoje maliciosa
Guarda um segredo em seu coração.
Menina, que muitas vezes fiz chorar
Achando graça quando ela dizia:
- Quando crescer vou casar com você.
Menina, porque fui te encontrar agora.
Te carreguei no colo menina
Cantei pra ti dormir

Não conheço a data do casamento de Anna e Vincenzo, estimo que tenha sido entre 1887 e 1888 porque o casal emigrou sem filhos no fim de 1888. Entretanto, como Anna estava grávida da primeira filha do casal, presumo que tenham contraído núpcias entre o fim de 1887 e o início de 1888. Naquela época era pouco provável que um casal não tivesse filhos logo após o matrimônio, exceto por algum problema de saúde, claro. É assim que justifico minha estimativa.

Contexto histórico

Antes de prosseguir, faço um breve relato histórico para contextualizar o leitor tanto temporal quanto geograficamente. Como a história do casal Vincenzo e Anna começou no ano de nascimento de Anna, 1864, acho necessário abordar fatos históricos para entender o que se passava na época.

Verona se localiza na região do Vêneto, no nordeste da Itália e sua capital é Veneza. É também conhecida como Cidade do Amor (*Città dell'Amore*) por ter ambientado a mundialmente famosa história de Romeu e Julieta, de Shakespeare.



Figura – Mapa da Itália atual com as suas províncias. A área sombreada marca a região do Vêneto e a área em vermelho marca a província de Verona.



Figura – A província de Verona e seus municípios.

Embora a Itália já estivesse unificada desde 1861, o Vêneto ainda era parte do Reino Lombardo-Vêneto⁸, que abrangia as atuais regiões da Lombardia e do Vêneto. A região do Friuli, naquela época, era uma província vêneta e se estendia até parte da atual Eslovênia. Então, efetivamente, Vincenzo De Lorenzi e Anna Graziosi não eram italianos *stricto sensu*. Eram súditos de um reino que fazia parte do Império Austríaco.

⁸ Em italiano, *Regno Lombardo-Veneto*; em alemão, *Königreich Lombardo-Venetien* ou *Lombardisch-Venetianisches Königreich*. O Reino Lombardo-Vêneto foi instituído em 1815 após a queda do Reino da Itália Napoleônico e deixou de existir definitivamente em 1866, após a Terceira Guerra de Independência da Itália, praticamente uma guerra que era parte de outra, a guerra Austro-prussiana. Antes disso, em 1859, o Reino já tinha perdido quase a totalidade da Lombardia, depois da Segunda Guerra de Independência da Itália.



Entretanto, isso não quer dizer que o casal não era italiano quando decidiu emigrar. Com o fim do Reino Lombardo-Vêneto, a população do Vêneto foi convocada a votar em um plebiscito para manifestar seu desejo pela anexação de seu o território ao então jovem Reino da Itália. A proposta foi aprovada e os cidadãos do Vêneto passaram a ser italianos *de facto*.



Faço uma breve observação: A área em vermelho é o Estado Pontifício, que só foi anexado ao Reino da Itália em 1870. A pequena marca em azul claro é a República de San Marino.

Essa explicação histórica tem o objetivo de deixar claro para o leitor que associar um povo a uma nação constituída pode nos fazer cair nas armadilhas dos estereótipos. Entretanto, como esse tipo de discussão não é escopo desse artigo, vamos retornar à Juiz de Fora do fim do século XIX para contar mais histórias vividas pelas famílias De Lorenzi e Graziosi.

A morte de Dom Lasagna e o casamento das tias da vovó Amabile

Estamos em 1895. Vovó Amabile contava que duas de suas tias resolveram marcar a data de seus casamentos para o mesmo dia, 6 de novembro. As tias seriam Josephina e uma certa Carolina. Esse caso teria marcado muito a memória de minha avó por uma coincidência de fatos raros e peculiares.

Pois bem, exatamente no dia 6 de novembro acontece um evento de grande repercussão. Um grave acidente ferroviário que parou o bairro Mariano Procópio, cuja estação de trens leva o mesmo nome até hoje. Houve um choque entre duas composições da Estrada de Ferro Central do Brasil. O acidente ocorrera ali por perto e por si só já era motivo suficiente para causar alvoroço numa então pequena cidade de pouco mais de 10 mil habitantes, mas havia o agravante de ter causado várias mortes, entre elas um grupo de religiosos salesianos que vieram em visita à cidade. Entre estes, estava o bispo Dom Lasagna, expoente figura da ordem dos salesianos. Além dele, morreram também 7 freiras, 5 padres e um foguista. O caso repercutiu no mundo inteiro, principalmente no meio católico.

Dom Luís Lasagna, ou simplesmente Dom Lasagna, como era mais conhecido, era bispo de Tripoli e foi quem deu início à Obra Salesiana no Uruguai e no Brasil. Era italiano, nascido Luigi Giuseppe Lasagna, em Montemagno, região do Piemonte, noroeste da Itália, em 3 de março de 1850. É um nome muito conhecido no meio católico, principalmente na Ordem Salesiana e essas minhas breves informações são facilmente encontradas nos meios digitais.

Um fato grave como esse é sempre muito marcante para quem vive nas proximidades e, nesse caso, é evidente que a coincidência com o duplo casamento

acabou deixando memórias inesquecíveis. É uma história antiga, mas que foi transmitida com certa riqueza de detalhes. Um desses detalhes foi muito marcante para a vovó Amabile, que tinha pouco menos de 4 anos de idade. Na época, mulheres não tinham o hábito de cortar os cabelos, que eram sempre penteados e arrumados em coque. Muito menos lavava-se os cabelos com frequência, provavelmente uma ou duas vezes por ano no máximo, em algumas ocasiões especiais. O casamento, evidentemente, era uma delas e imagino que as outras ocasiões tinham alguma ligação com festejos religiosos, tais como Natal e Páscoa. Não sei, é mera especulação minha e de minha irmã, quando conversávamos sobre esses assuntos.

Com o alvoroço causado pelo acidente, ocorrido pela manhã, as duas noivas saíram à rua para ver o acontecido, como, aliás, todos os demais moradores das redondezas. Elas tinham acabado de lavar seus cabelos por causa do casamento e saíram de casa, não só com os cabelos soltos, mas também molhados. Hoje em dia isso não causa estranheza, principalmente no Brasil, mas naquela época era um exotismo. Foi tão marcante para a minha avó que ela se lembrava recorrentemente dessa história, e a contou ao longo de toda a sua vida.

Essa é a versão da história que chegou a mim. Como provavelmente não há mais ninguém ainda vivo que possa contá-la de modo diferente, eu represento o último elo da corrente, aquela pessoa que, no telefone sem fio, é a que deve falar em alta voz o que ouviu. E o que eu ouvi foi o que acabei de narrar. É certo que há elementos factuais e reais na sua essência, mas há também distorções importantes, que vamos ver agora, na história realmente acontecida.

Não há questionamentos nem dúvidas acerca do acidente ferroviário que vitimou Dom Lasagna. É fato notório, reportado no mundo inteiro. Há muitas fontes de informação sobre o evento, facilmente encontradas na Internet. Parece também que não haja dúvidas a respeito da data do acidente, embora no registro de óbitos da Paróquia da igreja N. Sra. Da Glória, mantido sob a guarda da Cúria Metropolitana de Juiz de Fora, conste o dia 07 de novembro como data das mortes. Admite-se essa defasagem. Na época da ocorrência, a infraestrutura era precária e entre o acidente, a notícia, a constatação formal e oficial dos óbitos e o registro, erros desse tipo eram plausíveis. Já com relação às personagens familiares da história bem como a data dos casamentos, há divergências importantes.

Como pesquisador que me tornei, fui atrás de dados que pudessem ratificar essa história, se não pelo seu teor de curiosidade, ao menos para constatar os eventos que contornam o caso. Conhecendo a data precisa dos casamentos, busquei os seus respectivos registros e certidões. Imaginei que seria bem simples, dada a ingênua certeza que eu tinha na versão da história ouvida por mim. E aí começam as divergências.

Nenhum membro da família Graziosi se casou no dia 06 de novembro de 1895. No entanto, há sim dois registros de matrimônio de dois irmãos Graziosi no dia 09 de novembro de 1895, três dias depois do acidente ferroviário. O acidente ocorreu numa quarta-feira, os óbitos foram registrados no dia seguinte e os casamentos foram realizados no sábado da mesma semana. Essa pequena confusão de datas é também admissível, dada a pouca idade de minha avó e também à possibilidade real de que o corte e a lavagem dos cabelos possam ter acontecido dias antes da cerimônia. É uma hipótese até mais razoável porque as noivas certamente não procuraram salões de beleza e mesmo que o tivessem feito (se é que existiam), não havia secadores de cabelos elétricos. Além de tudo isso, há um elemento cultural tipicamente italiano que deve ter influenciado essa passagem: em regra geral, as italianas não saem de casa com os cabelos molhados por receio de se resfriarem.

A divergência mais acentuada, porém, envolve os noivos. Os irmãos Graziosi que se casaram no mesmo dia eram Josephina e Roberto!! Não existe Carolina! Não há qualquer menção a esse nome em lugar nenhum! Retomo aqui brevemente o cadastro de entrada da família Graziosi na Hospedaria Horta Barbosa, em 22/11/1888, ilustrado na Figura 5:

No registro, consta que o grupo dos Graziosi era composto por 6 membros: o pai, Luigi, a mãe, Filomena, e quatro filhos:

- Angela
- Roberto, erradamente registrado Robáto
- Giuseppa, que passou a ser Josephina, numa adaptação brasileira à forma carinhosa italiana Giuseppina;
- Clelia.

Vale lembrar que essa digitalização foi feita já nos anos 2000 e tinha como fonte o livro de registros manuscrito, com caligrafias nem sempre amistosas, como se pode

ver na cópia do próprio registro original, Figura 6. Como se vê, não há Carolina. Claro, esse nome poderia ser de alguma outra parente, ou vizinha, ou amiga da família. Porém, não há oficialmente nenhum registro de qualquer tipo onde haja o nome Carolina.

No dia 09 de novembro de 1895, em alguma igreja ou capela pertencente à paróquia de N. Sra. Da Glória, em Juiz de Fora, casam-se:

Josephina⁹ Graziosi e Francisco Kneipp

- Celebrante: Rev. Mathias Tulkens
- Pais do noivo: João Kneipp e Chistina Hauck
- Pais da noiva: Luigi¹⁰ Graziosi e Philomena De Stefani
- Testemunhas: Augusto Kneipp e Catharina Willich

(Extraído do livro Casamentos – 1894-1909 – Juiz de Fora – Igreja da Glória, página 20, termo 87, conservado na Cúria Metropolitana de Juiz de Fora).

Dominga¹¹ Bovo e Roberto Graziosi

- Celebrante: Rev. Mathias Tulkens
- Pais do noivo: Luigi Graziosi e Philomena De Stefani
- Pais da noiva: Antonio Bovo e Maria Casarin
- Testemunhas: Ottoni Tristão e Amelia¹² Graziosi

(Extraído do livro Casamentos – 1894-1909 – Juiz de Fora – Igreja da Glória, página 20, termo 88, conservado no arquivo da Cúria Metropolitana de Juiz de Fora).

O celebrante de ambos os casamentos foi o Padre holandês Mathias Petrus Tulkens, pioneiro da missão Holando-brasileira cujo objetivo era criar uma comunidade dos Redentoristas Holandeses no Brasil. Ele fundou, em Juiz de Fora, a primeira comunidade Redentorista do Brasil, cidade escolhida por ele mesmo para essa função, após um breve período transcorrido em Mariana-MG para aprender o português.

⁹ Era a Giuseppa, a quarta filha do casal Luigi e Filomena.

¹⁰ Nesse registro, o pai da noiva foi erradamente registrado como Roberto, o nome do irmão.

¹¹ Ela era italiana, seu nome original era certamente Domenica.

¹² O nome Amelia, entre os Graziosi, não apareceu em nenhum outro documento pesquisado, bem como não consta na lista do cadastro da Hospedaria. É possível que se trate de Clelia, a filha mais nova da família imigrada. Ela teria 16 anos em novembro de 1895, idade mínima aceita pela igreja católica para a função de testemunha de casamento (madrinha).

É importante refletir sobre a provável dificuldade de comunicação entre ele e os fiéis, sobretudo os imigrantes italianos, que certamente não tinham bom domínio do português e – imagino – ainda se comunicavam entre eles na sua língua de origem, o dialeto *veronese* (de Verona). A noiva de Roberto, Dominga (Domenica) Bovo era também italiana da mesma região da família Graziosi. Vale dizer que falavam a mesma língua! O noivo de Josephina, João (Johannes) Kneipp, era alemão, assim como seus pais. As testemunhas eram todas estrangeiras, à exceção de Ottoni Tristão, que creio fosse brasileiro de origem portuguesa.

É possível imaginar que o próprio padre fizesse os registros, com base nas respostas às perguntas (nome? Sobrenome? Idade? Nacionalidade?...). Errar grafias e confundir nomes devia ser bem comum.

Pois bem, vou tentar dar a minha versão da história. Minha premissa é que, de fato, a essência do caso seja verdadeira. Não havia motivo nenhum para que a vovó Amabile inventasse tal narrativa da cabeça dela. Foi algo que realmente marcou sua infância, um fato inusitado daqueles que todos nós, de alguma maneira não nos esquecemos, aqueles acontecimentos que se fixam em nossa memória, por mais bobos ou banais que tenham sido. Crianças costuma ser muito observadoras, criativas e fantasiosas. O fato aconteceu, não tenho dúvidas, mas devemos interpretar a sequência dos acontecimentos.

Os eventos em comum entre a realidade e o que foi contado são praticamente dois: o acidente ferroviário que vitimou Dom Lasagna, algumas freiras e um foguista e os casamentos de dois irmãos, marcados para o mesmo dia. As divergências mais evidentes são também duas: os irmãos que se casaram eram Josephina e Roberto, e não Josephina e Carolina, e a data das cerimônias era posterior ao acidente, três dias depois, e não no mesmo dia.

Josephina é personagem comum. Resta saber quem era Carolina. Relembro que não encontrei nenhuma citação ou referência a alguma Carolina Graziosi, ou algum nome semelhante, em nenhum livro de registros, tais como de casamento e de óbito. Não tive acesso a registros de nascimento porque, hipoteticamente, essa tal Carolina teria nascido na Itália. Entretanto, há o registro de entrada da família Graziosi na Hospedaria e não consta nome algum confundível com Carolina.

Considerando que a vovó Amabile falava em duas mulheres que lavaram seus cabelos, tiveram-nos cortados e saíram à rua com as madeixas soltas e molhadas, é muito provável que ela tenha confundido o nome com o de outra pessoa qualquer, mas alguém de alguma forma envolvido com os casamentos. Minha aposta é que tenha sido a noiva de Roberto, Dominga (Domenica) Bovo, porque, assim como Josephina, era também noiva e o casamento era uma ocasião tão especial que merecia a lavagem e o corte dos cabelos. Contudo, confundir os nomes Dominga, ou mesmo Domenica, com Carolina resta sendo um mistério.

A data mais provável para o evento dos cabelos molhados deve coincidir com a data do acidente, um fato muito relevante que teria certamente movimentado todo o bairro, diria até toda a cidade. As noivas estavam se preparando para o casamento com alguns dias de antecedência e numa época em que não existiam salões de beleza – ao menos não para os padrões socioeconômicos de famílias de imigrantes – e muito menos secadores de cabelo elétricos, lavar e cortar cabelos demandava tempo e ajuda de outros familiares e vizinhos. Assim que souberam do acidente, saíram todos às ruas, em direção à estação Mariano Procópio para ver de perto o que acontecera.

Quero lembrar ao leitor que a vovó Amabile tinha pouco menos de 4 anos em novembro de 1895. Esse episódio a marcou, não há dúvidas, porque era costumeiro em suas conversas e relatos sobre fatos da sua infância. Alguma lembrança direta sobre isso ela tinha verdadeiramente, mas é intuitivo pensar que ela tinha mais memórias indiretas, aquelas em que você associa uma imagem a algo contado por outras pessoas. Em outras palavras, ela se lembrava da cena, mas muito do que ela contava tinha sido, na verdade, contado por outras pessoas durante conversas entre família, amigos e vizinhos. Embora as crianças tivessem um papel bem definido naquela época, que não as permitia participar de conversas entre adultos, vovó Amabile era ativa e esperta, estava atenta e ouvia o que era falado.

Segundas núpcias

Estamos em agosto de 1896, menos de um ano depois dos famosos casamentos e do acidente que vitimou o padre salesiano Dom Lasagna. Vincenzo De Lorenzi morre aos 50 anos de idade. Deixa Anna viúva com suas duas filhas ainda bem pequenas: Maria, com 7 anos e Amabile com apenas 4 aninhos. O leitor deve se lembrar que

Vincenzo era 18 anos mais velho que Anna, que enviuvou com 32. Para os dias de hoje, muito jovem. Nos parâmetros da época, talvez nem tanto, mas ainda em idade ativa e fértil. Podemos imaginar o trauma e o transtorno que lhe deve ter causado.

Não tenho conhecimento da sua atividade laboral. Imagino que fosse dona de casa, como era praxe, mas não descarto a possibilidade de que ela pudesse fazer algumas atividades extras, tais como costuras e bordados, de forma a ter uma renda pessoal. É mera especulação. Como a vovó Amabile, ao que me consta, nunca reclamou particularmente desse período da sua vida, deduzo que não deva ter sido um tempo muito difícil. Quero dizer que, se tivesse sido um período muito duro, de fome, ou falta de moradia, ela teria falado sobre isso ao longo de sua vida. Minha avó sempre contou muitos casos do seu tempo de criança. Daí, imagino que superar a súbita ausência do pai deva ter sido difícil, mas não houve problema a ponto de traumatizar de alguma forma as meninas. Penso também que Anna, a mãe, deva ter tido tato para amenizar a situação de modo a não prejudicar as crianças. Além disso, é provável que Vincenzo tenha deixado algum tipo de pensão para a viúva. Os italianos imigrados sabiam como poucos criar associações de beneficência. Em Juiz de Fora havia uma que durou muito tempo, a *Società Italiana di Beneficenza e Mutuo Socorso Umberto I*. Foi fundada em 30 de outubro de 1887 e encerrada em 1919, tempo recorde de duração para esse tipo de associação¹³. Entretanto, alguns anos mais tarde haveria outras adversidades que as meninas sequer podiam imaginar.

Anna Graziosi-De Lorenzi, 32 anos, ainda formosa e precocemente viúva, se encantou por um homem que, segundo minha avó e minha mãe, era muito charmoso. Alto, simpático, bem apessoado, barba cheia e bem cuidada, aparentava ter aproximadamente a mesma idade de Anna. Diziam ser ítalo-austriaco e se chamava Virgilio Cirillo. Ele não chegou a Juiz de Fora como o clássico imigrante, embora obviamente o fosse. Quero dizer que ele não passou pela Hospedaria de Imigrantes. Por isso, não tenho conhecimento da sua data de chegada em Juiz de Fora, mas calculo que tenha sido entre 1897 e 1898. Certamente foi entre 1896 e 1899, mas tenho motivos para reduzir essa amplitude.

Anna morava num bairro denominado Tapera, hoje Santa Terezinha. A Hospedaria também se localizava na Tapera e, por isso, muito italianos, quando já

¹³ Para conhecer mais sobre essa associação, cf. GASPARETTO JR (2011)

tinham suas ocupações, acabavam morando por ali perto. Pois bem, Virgílio era um homem do mundo, meio solto, digamos assim. Meu pai lhe teria atribuído o adjetivo “avulso”. Chegando em Juiz de Fora, bateu à porta de Anna porque tinha sido informado que ali morava uma italiana, o que lhe facilitaria a comunicação. Pediu à jovem viúva para deixar sua mala com ela por algumas horas, enquanto sairia para procurar hospedagem. Segundo ele mesmo disse, estava bem cansado porque tinha acabado de chegar “de uma viagem pelo mundo” (palavras dele, segundo minha avó). Aparentemente foi amor à primeira vista, Anna se encantou com aquele homem.

Faço uma breve ressalva para explicar dois pontos que considero importantes para compreensão do contexto histórico. A definição de ítalo-austriaco tem relação com sua língua materna e a região de onde vinha. Então, por que se dizia que Virgílio era ítalo-austriaco? Foi ele quem se identificou assim? Eram os outros italianos que o reconheciam dessa forma? Não sei responder, mas se a premissa é verdadeira, a explicação é que ele vinha da atual região italiana do Trentino-Alto Adige, no nordeste italiano, que faz fronteira com a atual Áustria.

Até o fim da Primeira Guerra Mundial, a Áustria, a Hungria e outras regiões limítrofes eram politicamente uma coisa só, chamada de Áustria-Hungria ou Império Austro-Húngaro. A parte austríaca incluía uma região chamada Trentino, no extremo sul do Tirol, cujos habitantes não eram falantes de línguas germânicas, mas de línguas itálicas. O denominado dialeto *trentino* se assemelha ao dialeto *veronese*. Então, eu concluo que Virgílio era cidadão do império Austro-Húngaro falante do dialeto *trentino*, o que justificaria sua escolha em bater à porta da casa de Anna, facilitando sua comunicação nos seus primeiros dias no Brasil.



O interesse de Anna por Virgílio teve reciprocidade e os dois se casaram em 20 de março de 1899. No registro de casamento, consta o nome Virginio e não Virgílio, bem como Cerello e não Cirillo.

Registro de casamento de Cerello Virginio (Virgílio Cirillo) e Annita Graciosa (Anna Graziosi)

Extraído do livro Casamentos – 1894-1909 – Juiz de Fora – Igreja da Glória
Página 84, termo 06, conservado na Cúria Metropolitana de Juiz de Fora.

- Data: 20/03/1899
- Celebrante: Rev. Mathias Tulkens
- Pais do noivo: Antonio (fu Antonio) (imagina-se Antonio Cerello/Cirillo) e Furinda Zacheto (imagina-se Florinda como nome. O sobrenome pode estar certo)
- Pais da noiva: no registro consta somente que é viúva de Vincenzo Lorenzo (Vincenzo De Lorenzi), falecido em 18/09/1896
- Testemunhas: José Barberato/Barbirato (há uma rasura) e Josephina Graciosa (Graziosi)
- Igreja: da Glória (imagino que fosse uma capela porque a atual igreja N. sra. da Glória de Juiz de Fora foi inaugurada em 1924).

Chamo a atenção do leitor para a primeira testemunha, José (Giuseppe) Barberato com uma rasura que remete a Barbirato. É mais uma evidência de que Ele não era irmão de Vincenzo De Lorenzi, mas seu cunhado.

Anna e Virgílio tiveram dois filhos. A primeira era a tia Antonietta, nascida em 18 de fevereiro de 1900, e o segundo, Manoel, nascido entre o fim de 1901 e o início de 1902. Não encontrei o registro de nascimento com a data exata e me baseio somente nos dados do livro índice de batismos, conservado na Cúria Metropolitana de Juiz de Fora. Esse livro-índice cita os dados para a busca no livro de registro de batismos, que não foi encontrado. Consta que foi batizado em 1902 e o registro completo estaria na página 281 do não encontrado livro.

Resulta que Virgílio Cirillo não tenha sido um bom marido, embora tenha sido, segundo relatos da família, um bom pai. Só que ele era pai de Antonietta e Manoel e não de Maria e Amabile e, por isso, as tratava muito mal. De quebra, tratava mal também sua esposa. Era violento e mau. Minha avó sempre disse que ele foi “um péssimo marido e um péssimo padrasto, mas era um bom pai”. Privilegiava seus filhos em detrimento das duas meninas nascidas do casamento anterior. Pessoas próximas à família o apelidaram de Campos Sales¹⁴ pela sua semelhança com o ex-presidente do Brasil, que governou entre 1898 e 1902.

¹⁴ Manoel Ferraz de Campos Sales foi também presidente (atualmente se diz governador) do estado de São Paulo

As filhas e o filho de Anna Graziosi/De Lorenzi/Cirillo

Dado o que relatei sobre o caráter de Virgilio Cirillo, é admissível supor que a convivência entre os meios-irmãos fosse difícil. Entretanto, parece que não foi bem assim. Vovó Amabile manteve um ótimo relacionamento com Antonietta durante muito tempo. A mãe, Anna, deve ter cortado um dobrado para preservar as crianças. Tantos foram os reveses e os transtornos passados com o segundo marido que morreu de depressão, antes mesmo que essa doença existisse *strictu sensu*. Na época, talvez dissessem que morreu de tristeza. Fato é que ela se isolou, deitou-se em uma cama e por lá ficou até morrer.

Maria, a filha mais velha, casou-se com um alemão de nome Leopoldo Schmidt¹⁵. Parece que tiveram somente dois filhos, Nelson e Hilda¹⁶. Nelson faleceu muito jovem, de tétano. Tinha só 15 anos. Minha mãe nos contava sobre seu sofrimento antes de morrer, por causa da doença. Ainda juvenzinha, com apenas 12 anos, chegou a presenciar seus gritos de dor. Isso a marcou muito, me lembro de seus olhos marejados quando tocava nesse assunto. Hilda casou-se com um filho de italianos de sobrenome Fumagalli e se transferiu para Campinas. Teve um filho só, que morreu jovem. Não tenho informação sobre a causa da morte.

Amabile, minha avó, casou-se com Mario Monachesi, nascido Marino Sante Monachesi em Macerata, região das Marcas (*Marche*, em italiano). Tiveram três filhos: Maria Odette, Olga Josefa e Oswaldo. Olga é minha mãe, que merecerá um capítulo inteiro nas memórias que pretendo escrever.

Antonietta, a primeira filha do “Campos Salles”, casou-se com um sujeito muito mau e violento, um certo João Georg, conhecido como João Bola. Vovó Amabile contava que a tia Antonietta (como era chamada em casa) já sabia disso previamente, mas se casou por medo do que ele pudesse fazer, em caso de recusa. Talvez tivesse razão, esse sujeito chegou a invadir a casa dos meus avós Mario e Amabile armado, ameaçando matar meu avô. Nunca fiquei sabendo o motivo, mas conheci meu avô. Era do tipo que não levava desaforo pra casa. Essa história será mais bem detalhada futuramente.

¹⁵ Em alguns registros, seu nome é grafado Schmitz. Em Juiz de Fora há uma rua em sua homenagem, mas grafada Schmidt.

¹⁶ Tenho conhecimento desses dois filhos do casal, mas a perda de contato com esse ramo da família pode me trair.

Manoel morreu com apenas 17 anos. Contraiu a terrível gripe espanhola e não conseguiu se recuperar.

Considerações Finais

As histórias familiares são uma forma de manter os elos fortes e a memória viva. São também uma expressão de respeito aos antepassados, às pessoas que, de uma forma ou de outra, ajudaram a moldar nosso caráter. Se eu me ativesse a escrever somente o que ouvia, essa empreitada seria certamente menos laboriosa. Achei por bem escolher o caminho mais longo, aquele que prevê a verificação de dados e fatos. Meu leitor pode ficar despreocupado, os dados históricos foram todos confirmados.

Na última seção, fui breve. Apresentei apenas um resumo da descendência de Anna Graziosi e seus dois maridos. Pretendo, no futuro, me aprofundar. Da mesma forma, pretendo narrar tudo o que sei sobre os outros três ramos das minhas origens. Assim, num futuro espero não distante, junto tudo isso como se fossem as peças de um quebra-cabeça. Meus filhos, meus sobrinhos, os netos que ainda não tenho poderão conhecer boa parte das minhas memórias.

Referências bibliográficas

Esse relato não é e nem quer ser um artigo acadêmico. Por isso, não há referências específicas sobre os dados históricos mencionados. Contudo, todos eles podem ser facilmente encontrados na Internet e comprovados com um ou dois cliques. Não são opiniões, são fatos conhecidos. As demais referências seguem abaixo, devidamente listadas.

GAIO, M. L. M. **Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação**. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

GAIO, M. L. M. **Etnicidade Linguística em Movimento: os processos de transculturalidade revelados nos brasileirítalos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora**. Berlin: Peter Lang, 2018

GASPARETTO JR, A. *Sociedade Beneficente Umberto I: o mutualismo como reforço da identidade étnica e como elemento de seguridade de trabalhadores italianos na cidade de Juiz de Fora (MG), 1887-1919*. In: **Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais**, 2011. Disponível em <https://ponteentreculturas.com.br/revistaimigracaoitaliana/>

HOBSBAWN, E. J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MONTANELLI, I. **Storia d'Italia**, Vol. VI. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006.

RODRIGUES, M. G. **Sob o céu de outra pátria: imigrantes e educação em Juiz de Fora e Belo Horizonte, Minas Gerais (1888-1912)**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009.